

Instituto de Finanças Internacionais critica negociação brasileira

23 ABR 1982

por Getúlio Bittencourt
de Nova York

“Continuam as dificuldades no manejo dos principais países devedores, especialmente os Estados sucessores da União Soviética assim como o Brasil e a Polônia”, afirmou Horst Schulmann, o diretor gerente do Instituto de Finanças Internacionais (IIF), criado pelos bancos comerciais, em sua carta anual aos presidentes dos comitês interino e de desenvolvimento do Fundo Monetário Internacional (FMI) e Banco Mundial (Bird).

Schulmann lembra que o Instituto tem repetido as razões pelas quais “garantias adequadas no momento oportuno” são essenciais para o sucesso da “chamada estratégia fortalecida da dívida”. E acrescenta que “no caso do Brasil, a inadequação das garantias oferecidas é pronunciada”.

Ele argumenta que se o Brasil tivesse um bom histórico “reduziria a necessidade para garantias, por assim dizer. O México continuou em dia com todas as suas obrigações de juros ao longo da década de 80 e vem melhorando consistentemente sua performance econômica. O Brasil, contudo, em diversas ocasiões acumulou grandes atrasos de juros e atravessou diversos ciclos de políticas. Dado esse registro passado, são portanto requeridas relativamente mais garantias”.

Depois de argumentar que “as negociações com o Brasil estão prejudicadas pela falta de vontade do devedor em prover (garantia) colateral suficiente”, Schulmann nota adiante que “dado o seu presente acúmulo de reservas internacionais, o Brasil tem condições para prover essas garantias por sua própria conta”.

O negociador chefe do Brasil, Pedro Malan, ao saber dos termos da carta de Schulmann por este jornal, ontem à noite, disse que o

País “está negociando com o Comitê Assessor de Bancos, e o que os dois lados têm a dizer deve ser dito na mesa de negociações. Nós não estamos negociando através de notas públicas”.

Malan acrescentou que “a questão das garantias é uma enorme complexidade, e me surpreende que seja posta de forma tão simplista como nesta carta. Além disso, as negociações com os bancos prosseguem avançando de forma construtiva, o que também não está refletido nesta carta”.

Em sua nota divulgada um dia antes sobre os resultados trimestrais, John Morris, porta-voz do Citicorp, banco que comanda o Comitê Assessor de Bancos para o Brasil, estava mais na linha de Malan. “Negociações significativas estão em andamento com o Brasil”, disse Morris.

Schulmann, em todo caso, falou informalmente em nome de 175 membros do IIF, incluindo 125 grandes bancos comerciais de 35 países, inclusive o Brasil. Ele propôs que o Bird e o FMI adotem medidas para assegurar uma profunda assistência oficial aos Estados da antiga União Soviética; para que tenham os recursos necessários para enfrentar esses novos desafios: que os direitos básicos à propriedade dos investidores privados sejam estabelecidos nos países que eram comunistas; que a confiança dos investidores privados não seja abalada pelos atrasos de pagamentos; e que se consiga parar com a fuga de capital.

Ele concluiu a carta argumentando que “o sucesso ou fracasso das instituições financeiras internacionais pode ser medido pela taxa de crescimento da renda per capita nos países em que operam. Um importante determinante dessa taxa é a capacidade desses países para atrair fluxos de capital privado do resto do mundo.